



Reflexões sobre o conceito de “união” na teoria semiótica francesa

Alexandre Marcelo Bueno*
Glauco Ortega Fernandes**
Maria Rita Arêdes da Silva***

Resumo: Desde os primeiros momentos de seu desenvolvimento teórico, a interação esteve presente no quadro conceitual da semiótica greimasiana, mesmo que não tenha sido um ponto contemplado de forma explícita. A noção de interação encontra atualmente desdobramentos teóricos mais profundos na obra de Eric Landowski. O referido autor propôs o conceito de “união” como uma outra forma de se compreender a interação, que até então havia se desenvolvido a partir da noção de junção. Como todo novo conceito, o de “união” produz algumas implicações para o quadro epistemológico da teoria semiótica elaborada por Algirdas Julien Greimas. Fazemos, assim, neste trabalho, uma reflexão sobre esse conceito, proposto por Landowski, como uma forma de recuperar, na análise do sentido, a instância do sensível e não apenas a do inteligível nas interações. Para isso, apresentamos algumas reformulações propostas pelo autor no que tange ao modo como a semiótica pode entender a manipulação e as paixões, compreendidas ainda pela noção de junção. Retomamos o percurso teórico de Eric Landowski para mostrar como o conceito de interação se formou inicialmente na semiótica e as propostas posteriores do autor, chegando à já referida integração da dimensão estética e sensível na interação.

Palavras-chave: interação, união, manipulação, dimensão passional

1. Sobre o conceito de interação

Desde os primeiros anos de seu desenvolvimento teórico, a interação esteve presente no quadro teórico da semiótica greimasiana, mesmo que não tenha sido um ponto inicialmente contemplado¹. A interação, no entanto, pode ser observada entre os actantes, na relação entre destinador-manipulador e destinatário, assim como na relação entre sujeito e destinador-julgador. Também podemos pensar na interação, ou em uma tentativa de interação, na busca do sujeito por um determinado objeto de valor.

Eric Landowski² foi o responsável por colocar a interação como um dos pontos centrais das reflexões semióticas, a partir de um texto intitulado “Algumas condições semióticas da interação”, publicado em *A*

sociedade refletida (1992). Nesse texto, para contrapor a noção de interação em outras teorias, como a pragmática, o autor recorre ao conceito de imanência, tão caro à semiótica greimasiana. Assim, para a semiótica, o contexto (no qual ocorre a interação propriamente dita) não está aquém ou além da linguagem, mas está no cerne da própria. Em outras palavras, o autor defende que o contexto é construído pela linguagem, ao contrário de outras teorias que defendem a existência de um contexto e de uma realidade previamente existentes (Landowski, 1992, p. 146-149).

Ainda refletindo sobre a interação no quadro teórico da semiótica, Landowski propõe novos desenvolvimentos em um outro trabalho: *Presenças do outro* (2002). Nesse livro, o autor elabora novas noções de interação a partir do conceito um tanto quanto conhecido de

* Universidade de São Paulo (USP)/FAPESP. Endereço para correspondência: { alexandrebueno@gmail.com }.

** Universidade de São Paulo (USP)/FAPESP. Endereço para correspondência: { glaucortega@yahoo.com.br }.

*** Universidade de São Paulo (USP)/FAPESP. Endereço para correspondência: { maita_aredes@ig.com.br }.

¹ Tanto que não há nenhum verbete referente a essa noção no primeiro *Dicionário de semiótica* (Cf. Algirdas Julien Greimas; Joseph Courtés. *Dicionário de semiótica*, São Paulo, Contexto, 2008).

² Eric Landowski apresenta um percurso peculiar na semiótica (assim como outros grandes semioticistas também apresentam, cada um a sua maneira, um percurso peculiar). Desde seu primeiro livro individual, *A sociedade refletida* (1992), Landowski sempre procurou desenvolver análises e conceitos para uma sociosemiótica, que não deve sociologizar a semiótica, mas realizar o caminho inverso, ou seja, semiotizar o social. Por isso, já estão presentes em seu primeiro livro algumas questões que encontramos em seus últimos trabalhos: a interação, as práticas vividas, a intersubjetividade, o cotidiano etc. Contudo, essas questões ainda eram abordadas predominantemente pelo plano narrativo “clássico”, como uma espécie de testemunho da semiótica do tempo em que foram escritas.

junção. Há, assim, quatro possibilidades de interação inicialmente contempladas: assimilação (conjunção), exclusão (disjunção), admissão (não-disjunção) e segregação (não-conjunção) (Landowski, 2002, p. 5 *et seqq.*). Esses quatro conceitos, segundo o autor, referem-se às possibilidades de interação de uma identidade em relação a uma alteridade. Mas a alteridade também possui, nesse modelo, suas estratégias de interação com a identidade, que estão igualmente baseadas na noção de junção: esnobe (conjunção), dândi (disjunção), camaleão (não-disjunção) e urso (não-conjunção) (Landowski, 2002, p. 37 *et seqq.*). Um aspecto interessante desse modelo de interação está na possibilidade de combinação entre os modos de interação da identidade e as estratégias da alteridade, agregando novas possibilidades de se pensar na relação entre identidade e alteridade (inclusive como uma interação movente e dialética). Com isso, abre-se uma gama relativamente ampla de combinações que podem estar em conformidade ou em confronto, como, por exemplo, uma identidade assimiladora (conjunção) que se confronta com uma alteridade que deseja se manter segregada (não-conjunção) ou uma identidade exclusivista que encara uma alteridade que deseja a assimilação, entre outras possibilidades. Essas combinações resultam em um total de 16 conformações ou confrontações possíveis de diferentes tipos de interação e, conseqüentemente, de surgimento de distintas significações (Landowski, 2002, p. 50-52).

Landowski, no entanto, não deteve suas reflexões nesse último trabalho. Na introdução de sua obra *Passions sans nom* (2004), ele questiona o gesto fundamental para se fazer um “trabalho científico”. O gesto a que ele se refere é o de exclusão, uma vez que, desde o princípio de uma pesquisa, para se obter objetos claramente delimitados, torna-se necessário descartar, suspender e excluir. Ele mostra que é possível proceder de um modo diferente ao buscar e querer uma compreensão mais profunda e global dos objetos, mais próxima a eles e não à distância como frequentemente se faz nas ciências (Landowski, 2004, p. 1-2).

A semiótica, nas primeiras décadas de seu desenvolvimento teórico, procurou analisar as significações articuladas, da ordem do inteligível, com uma visada objetiva que a aproximava mais das ciências propriamente ditas.

No entanto, a semiótica, de certa forma, superou essa fase para atualmente trabalhar com objetos da ordem do sensível e do afetivo (Landowski, 2004, p. 5).

Tem sido, portanto, uma preocupação da semiótica contemporânea (e não apenas de Landowski) recuperar, na análise do sentido, a instância do sensível e não apenas a do inteligível. De acordo com Landowski:

[...] a passagem de uma semiótica das situações a uma semiótica da experiência sensível,

tampouco constituiu uma ruptura de paradigma teórico [...]. O único traço que marca a passagem de uma etapa a seguinte é a integração na problemática de uma dimensão dos fenômenos de significação até então negligenciada [...]: a dimensão estésica (Landowski, 2005, p. 14).

Para ele, a dimensão sensível surgida no processo de interação (interação sujeito-sujeito ou sujeito-objeto) é também carregada de significados. Na verdade, para Landowski, o sentido é simplesmente uno, ou seja, é preciso encarar a integração do somático e do sensível (a estesia) nas dimensões pertinentes da análise. Portanto, seu trabalho visa a incorporar a experiência sensível que, pelo próprio ato de experimentar em interação na própria interação, já faria sentido. Em outras palavras, não seria possível dissociar essas duas dimensões em um processo cujo objeto é a própria experiência, a experiência vivida no momento mesmo em que ela é sentida, provada, experimentada, em resumo, no ato em que ela, a experiência, surge. Assim, a oposição entre o inteligível e o sensível deveria ser suspensa e essa oposição deveria ser considerada somente como uma relação entre contrários (compreender e sentir).

Ao apostar na possibilidade de reintegrarmos no espaço das análises algumas dimensões de nossa relação com o mundo, o semioticista afirma que:

Essas dimensões perdidas são, antes de tudo, as da presença imediata das coisas diante de nós, antes da aparição de alguma forma de articulação e de reconhecimento convencional, e as do experimentar, definíveis como a experiência de um sentido que procede diretamente de nosso encontro com as qualidades sensíveis imanentes às coisas apresentadas [Tradução nossa] (Landowski, 2004, p. 2).

Nessa perspectiva, Landowski apresenta o objetivo de seu trabalho de reflexão: propor conceitos de tipo interativo que permitam descrever semioticamente o modo como o componente sensível interfere na apreensão do sentido em ato. Define, ainda, a dimensão sensível — ou estésica — da nossa relação com o mundo como sendo aquela que nos permite *experimentar* o sentido como presença (Landowski, 2004, p. 5).

Experimentar, em um primeiro momento, poderia indicar um experimentar passivo, ou seja, a interação com um objeto fechado. Mas não é esse o tipo de experiência de que Landowski fala (e com a qual ele já trabalhara em publicações anteriores), mas sim o de uma experiência na qual ambos os actantes ou atores possuem uma certa autonomia em seu fazer. Em outras palavras, é no processo da interação dinâmica, sem manipulação e sem programação, que ocorre essa experiência ativa, em que há uma troca sensível (por

meio das qualidades sensíveis imanentes do outro) entre os actantes envolvidos nessa interação, fenômeno até então não abordado pela semiótica.

Desse modo, Landowski acredita ser possível reintegrar na teoria semiótica o que chama de “dimensões perdidas da significação”. Partindo desse princípio, ao desenvolver sua proposta de uma semiótica da experiência, do vivido, do cotidiano, ou seja, de uma sociosemiótica sensível, Landowski demonstra que os actantes, independente de estarem em conjunção com outros objetos (ou sujeitos) ou disjuntos dos mesmos, interagem pela sua simples presença desde que um deles, ao menos, esteja em condições de experimentar esteticamente em si a maneira de ser do outro no mundo.

Ana Claudia de Oliveira, ao prefaciar o artigo de Landowski, intitulado “Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa” (2005), mostra-nos que essa tem sido a tarefa teórica de Eric Landowski, através da elaboração de caminhos rastreados em *Da imperfeição*⁴ — obra em que Greimas introduziu o conceito-chave de *estesia*, até então deixado de lado pela semiótica — como desenvolvimento da gramática narrativa e discursiva. Em seguida, ela nos resume a base do pensamento desse semioticista: “[...] a captura do sentido é tomada como dimensão vivida de nosso modo de provar o mundo, isto é, o Outro” (Oliveira, 2005, p. 8).

Para finalizarmos esta introdução, convém refletirmos um pouco sobre o seguinte questionamento de Landowski:

[...] como analisar o devir das formas do sentido socialmente vivas sem ser sequer um pouco “sensível”, sem ter, antes mesmo de empreender a análise metódica, ao menos uma certa compreensão intuitiva, sem sentir do interior o que está em jogo “no que se passa”, e sem ser de algum modo, ao mesmo tempo, afetado? (Landowski, 2005, p. 53).

O que sabemos do outro não pode resultar de uma atitude objetivante, de reduzir o outro a uma imagem, um “objeto de valor” e sim de um conhecimento *estésico*. Nesse caso, quase não há diferença entre *perceber* o estado do outro e o fato de experimentá-lo. O outro deixa de ser visto como um corpo-objeto para ser apreendido como corpo-sujeito. Para Landowski, a distinção entre os regimes de sentido e de interação que propõe para que compreendamos os sujeitos analisados deve ser aplicada, também, aos sujeitos semioticistas.

2. Da junção à união

Para integrar a dimensão estética em suas análises e reflexões, Landowski propõe um novo conceito para

se compreender um novo tipo de interação. Esse conceito é o de união e, assim, o autor inclui em suas reflexões a dimensão sensível que, atualmente, é uma das questões trabalhadas por diversos semioticistas, como já dissemos. É justamente esse conceito do qual trataremos no presente trabalho, procurando entender suas implicações epistemológicas na semiótica.

Para ele, a dimensão sensível surgida no processo de interação (interação sujeito-sujeito ou sujeito-objeto) é também carregada de significados. O sentido é uno, segundo Landowski, ou seja, é preciso encarar a integração do somático e do sensível (a estesia) entre as dimensões pertinentes da análise. Portanto, seu trabalho visa a incorporar a experiência sensível que, pelo próprio ato de experimentar em interação na própria interação, já faria sentido. Em outras palavras, não seria possível dissociar essas duas dimensões em um processo cujo objeto é a própria experiência, a experiência vivida no momento mesmo em que é sentida, provada, experimentada, em resumo, no ato mesmo em que ela, a experiência, surge (Landowski, 2004, p. 5-7).

Outros objetos de estudo apareceriam, assim, a partir daquilo que Landowski chama de mudança epistemológica (a passagem da junção para a união), o que provocaria uma recusa dos objetos claramente delimitados (o texto) e que são examinados por uma semiótica chamada de “racional” pelo autor. Deve-se, por conseguinte, ultrapassar a distância objetivante do olhar do semioticista para aproximar-se de um novo ou de um outro tipo de objeto: a interação, que é entendida como um objeto dinâmico e um processo aberto. É claro que não é qualquer tipo de interação de que fala Landowski ao associá-la ao conceito de união; essa interação é de um tipo que produz um sentido *sentido* e experimentado durante e pelo processo de interação. Em outras palavras, é *fazer-ser*: fazer-ser o mundo como um mundo *significante* ao mesmo tempo em que faz os sujeitos, nós mesmos, sujeitos dotados de significação, já que cada parte envolvida em uma greve leria os textos a partir de um determinado ponto de vista (conforme a lição de Saussure) associado diretamente a um certo tipo de prática desses sujeitos, inscritos como atores envolvidos em um universo de conflito. Ele quer dizer que o sentido não está simplesmente no texto (é claro que ele precisa ter alguns traços estruturais para se tornar legível), mas o sentido surge dessa interação entre o texto e o sujeito que o lê. Evidentemente, essa perspectiva do sensível na interação não foi criada por Landowski. Ela remonta, por exemplo, aos estudos das paixões e à semiótica tensiva. A diferença, nas propostas de Landowski, é que essa análise do sensível pode ultrapassar a dimensão do texto (ou mesmo alargá-la) para que a semiótica englobe outras dimensões, tal como faz Fontanille (mas

⁴ Cf. Algirdas Julien Greimas, *Da imperfeição*, São Paulo, Hackers Editores, 2002 (tradução de Ana Cláudia de Oliveira).

com outro aparato conceitual). O papel do semiótico seria, assim entendemos, recuperar essas práticas em sua totalidade para se apreender o(s) sentido(s) envolvido(s) nessa interação.

Segundo Landowski, quando analisamos uma narrativa com base no regime da *junção*, partimos de um princípio de redução, uma vez que supomos que os actantes sujeitos nunca podem agir diretamente uns sobre os outros a não ser por meio dos “objetos-valor”. Desse modo, em tal regime, parte-se da hipótese de que todas as modificações de estado que afetam os sujeitos dependem somente de sua conjunção ou disjunção dos objetos-valor, o que, para Landowski, somente se justifica quando se pensa num espaço de referência fechado e saturado. Assim, a interação prevista pelo modelo juntivo não permite uma “comunicação” em profundidade entre as partes respeitando sua autonomia.

Mais algumas considerações a respeito das diferenças entre junção e união podem ser desenvolvidas. Se a noção de junção apresenta uma certa isotopia econômica (possuir objetos de valor, de troca de objetos entre os actantes, isto é, uma questão de quantidade), referindo-se principalmente, mas não somente, à questão de ter ou não ter, a noção de união vai tratar da questão do ser e estar-no-mundo desses actantes em interação (uma questão de qualidade) (Landowski, 2004, p. 70-73).

Desse modo, vemos que, para Landowski, não existem somente interações mediatizadas pelos objetos (ou sujeitos), mas também aquelas não mediatizadas, da ordem do ser e não do ter. Ao integrar na análise as dimensões da presença, do sensível e do estésico, ele propõe a existência do regime da união (e não somente o da junção) baseado no “contágio” entre os sujeitos, em que o contato direto, isto é, a co-presença interativa dos actantes gera sentido e cria novos valores. Nas próprias palavras do semiótico:

Essa problemática não pretende [...] constituir uma superação, nem mesmo uma alternativa em relação à semiótica narrativa clássica [...]. Trata-se, em contrapartida, de construir, paralelamente a esse componente doravante adquirido, uma abordagem complementar. Ao lado da lógica da junção entre sujeitos e objetos (estratégias do *fazer fazer*), devemos prever uma problemática [...] da ordem do contato, do sentir e, em geral, daquilo que chamaremos de *união*. [...] enquanto é próprio do regime da junção fazer circular entre os sujeitos, objetos [...], o regime de união, no qual os actantes entram esteticamente em contato dinâmico, é sua co-presença interativa que será reconhecida como apta a

fazer sentido, no ato, e a criar valores novos (Landowski, 2005, p. 18-19).

Por isso, para Landowski, os objetos são tomados como *realidades materiais* capazes de fazer sentido de imediato, em função das qualidades sensíveis que os sujeitos podem descobrir neles. Salienta o semiótico que os sujeitos também passam a ser redefinidos no que diz respeito ao seu estatuto e às suas competências, uma vez que passam a ser considerados como dotados de algo essencial que lhes faltava no regime da junção: um *corpo e órgãos sensoriais*. Esses lhes permitirão ser mais *sensíveis*, ou seja, diretamente, sensualmente ou sensorialmente receptivos diante das qualidades dos “objetos” — pessoas e coisas — com as quais entrarão em contato.

Para Landowski, o conceito de união serviria, assim, para explicar os estados de alma e os estados somáticos dos sujeitos em interação, interação não mais respaldada por uma lógica juntiva, mediada por objetos objetivados, mas por uma interação face a face, corpo a corpo, ou seja, uma copresença mútua. Nessa copresença, entre sujeitos ou entre sujeito e objeto, envolveria, então, não mais um conhecer, um julgar, um decidir ou um avaliar a distância, mas uma relação da ordem do sensível, ou seja, mais receptiva às qualidades sensíveis da materialidade inerente ao objeto — pessoas ou coisas — da relação (Landowski, 2004, p. 62).

Por meio da independência pressuposta da união em relação ao estado juntivo é que seria possível um ou ambos os sujeitos em interação sentir ou experimentar o estar-no-mundo como o outro. Ao ajustar-se um ao outro, condição necessária para a construção de um outro sentido, o EU e o OUTRO constituiriam, por algum tempo, um objeto complexo novo, uma totalidade inédita (Landowski, 2004, p. 63). A união é, assim, um modo de interação e de construção do sentido condicionado pela copresença de actantes, pela possibilidade de relação sensível entre eles.

O conceito de união obriga também a rever a questão da identidade dos sujeitos em interação, que era, de certa forma, tratada de maneira tautológica no primeiro *Dicionário de semiótica*⁵. Então, a partir do conceito de união, não seria mais o caso de se falar em um ser (uma identidade estabilizada, “aquilo que ele é”), mas em um vir a ser (ou seja, uma identidade em construção, por meio da relação constante entre o sujeito e o mundo que o cerca) (Landowski, 2004, p. 67-68). Isso também já estava presente, de modo implícito, em *Presenças do outro* (2002), principalmente quando ele trata dos conceitos de camaleão e de urso.

Atente-se para o fato de Landowski estar a todo o momento salientando que seu objetivo não é o de desenvolver uma teoria que supere a semiótica narrativa

⁵ Greimas; Courtés, *op. cit.*

clássica. Ao contrário, sua intenção é parar de colocar em oposição, na teoria, as dimensões *inteligível* e *sensível*, pois, para ele, essas duas dimensões são indissociavelmente constitutivas de nosso objeto. Para ele, o mais importante é integrar e entender as repercussões geradas por essa integração e pelos novos conceitos no quadro teórico da semiótica.

A seguir, veremos algumas implicações teóricas do conceito de união em duas dimensões bastante conhecidas pela semiótica, a manipulação e as paixões, a partir das reflexões de Landowski.

3. União e manipulação

A maneira como a interação foi trabalhada pela semiótica (como uma relação entre sujeitos e entre sujeitos e objetos mediada pela junção) não parece ser suficiente para se analisar determinadas interações. Assim, ao menos em algumas situações, seria possível postular uma certa autonomia dos actantes (outro sujeito ou objeto) envolvidos em relação ao actante-principal (destinador-manipulador), fonte de referência de um determinado programa narrativo. Dessa forma, poder-se-ia observar que os actantes, não mais com uma fonte de referência forte, ajustar-se-iam entre si e nesse ajustamento surgiriam novos sentidos, sentidos não esperados, mas fruídos pelos actantes em interação. Não haveria, nesses casos, mais uma apropriação do mundo por um sujeito conhecedor, mas por um sujeito que sente, acima de tudo, na interação com o mundo por meio desse ajustamento, um dos regimes de interação proposto por Landowski. Contudo, podemos pensar também que regimes de interação baseados na junção, como a manipulação e a programação, podem ser beneficiados e complexificados pela dimensão sensível.

Por exemplo, não seria possível pensar em algum tipo de relação sensível no regime de programação, quando fosse o caso de um sujeito que aderisse total e “conscientemente” à programação à qual estivesse submetido? Ou, não haveria ainda alguma forma de manipulação esteticamente determinada para além das conhecidas estratégias de manipulação (tentação, provocação, sedução e intimidação) ou mesmo englobando-as? Nossa proposta, nessa seção, é a de procurarmos, na obra de Landowski, indicações de que seria possível, sim, agregar a dimensão sensível no regime de manipulação.

Para definir a manipulação, o autor retoma o princípio de intencionalidade que a caracteriza. Essa intencionalidade está na base das quatro conhecidas estratégias de manipulação: de um lado, há as estratégias de tentação e intimidação que tiram sua eficácia manipulatória do valor positivo ou negativo do objeto e, no limite, podem ser consideradas um acordo entre destinador e destinatário por meio do contrato (em que se prevê o prêmio ou a punição). Do outro lado, há as

estratégias da sedução e da provocação, que envolvem a valorização ou a desvalorização da imagem do destinatário. Por isso, a intencionalidade se transforma em um tipo de motivação, principalmente quando associada à ordem da subjetividade, ao contrário das outras duas estratégias anteriormente estabelecidas sobre o objeto (Landowski, 2006, p. 20-23).

A manipulação envolve, ainda, a competência modal do sujeito do fazer, o que não é garantia de qualquer tipo de sucesso na interação entre actantes (até porque o destinatário pode recusar a manipulação). Há, então, uma certa imprevisibilidade na manipulação porque ela envolve sistemas de valores, interpretação, preferências e gostos distintos entre o destinador e o destinatário (Landowski, 2006, p. 24). Parece-nos que é por meio de alguns desses motivos (como os gostos e as preferências) que a dimensão sensível poderia ser utilizada para talvez aumentar a eficácia manipulatória do destinador sobre o seu destinatário.

Segundo Landowski, há duas possibilidades de resolução dessas incertezas da manipulação: ou a de transformar o destinatário em um não-sujeito (nas estratégias de tentação e de intimidação) que o conduziria a uma certa programação de seu fazer para ele querer fazer com o intuito de ser recompensado (coíça) ou para ele dever fazer por medo. A outra solução é o de tentar entrar, como ele diz, na consciência do destinatário. O destinador começaria, por certo, a se colocar no lugar do outro.

É por meio desse ato de se colocar no lugar do outro que entendemos que a dimensão sensível, que está mais próxima da noção de união, poderia ser utilizada pelo destinador para manipular seu destinatário, uma vez que o destinador precisaria localizar os “pontos sensíveis” do destinatário para poder efetivamente manipulá-lo (Landowski, 2006, p. 26-28). Assim, podemos dizer que há também uma necessidade de interpretação do destinador nesse processo de manipulação, interpretação que não seria apenas da ordem do cognitivo, mas também do sensível.

Não podemos nos esquecer de que a manipulação está fundada na interdependência dos sujeitos, mas isso não significa que o outro (aquele que é manipulado) é tomado plenamente em seu estatuto de alteridade, justamente porque ele é manipulado para um determinado fazer. Mesmo assim, se tentarmos integrar a dimensão sensível no regime de manipulação, poderemos chegar a um outro tipo de destinador-manipulador, que é aquele mencionado por Landowski: esse destinador não seria mais o “grande destinador”, que se mantém em uma posição hierarquicamente superior, mas sim um manipulador mais próximo do destinatário, pois essa aproximação seria necessária para se poder observar “os pontos sensíveis” de que falamos acima. Seria, então, o caso de pensarmos em uma espécie de tentativa de fazer com que o destinatário

se unisse aos valores do destinador-manipulador por meio também do sensível em que destinador e destinatário estariam em uma relação mais próxima de uma igualdade de posições.

Parece-nos que uma maneira de a dimensão sensível ser inserida no esquema de manipulação é, principalmente, pelas estratégias de provocação e sedução. Nesta, poderíamos pensar em um tipo de manipulação em que a valorização sensível de um estilo de vida “aventureiro”, por exemplo, poderia recorrer a determinadas sensações que fogem do banal característico do cotidiano. Realizar-se-ia, assim, uma manipulação para que o destinatário reconhecesse e aceitasse os valores sensíveis pertencentes ao destinador-manipulador. Naquela, a manipulação poderia recorrer a pontos sensíveis e considerados negativos do destinatário, que estaria predisposto a mudar sua aparência, por exemplo (como nas propagandas para emagrecimento, tanto de remédios quanto de equipamentos). É claro que falta-nos uma reflexão mais profunda sobre essa questão, mas cremos que esse seria um caminho possível para se aumentar as possibilidades manipulatórias previstas na semiótica.

4. União e paixões

Já são mais do que conhecidas as críticas de Landowski ao livro *Semiótica das paixões*⁶, de Greimas e Fontanille, ponto de partida dos estudos sobre as paixões na teoria semiótica. As críticas de Landowski se referem, principalmente, ao fato de as reflexões teóricas (tensivas) de Greimas e Fontanille não terem tido uma clara aplicação nas análises das paixões lexicalizadas da “avareza” e do “ciúmes”, limitando-se a tratar das paixões como configurações modais, tal qual o percurso da ação (Landowski, 2004, p. 46-48). Apesar dessas críticas, Landowski não se furta de tentar integrar as paixões ao seu quadro dos regimes de interação.

Além disso, uma outra crítica conhecida do autor está nas leituras do último livro individual de Greimas, o *Da imperfeição*⁷, empreendidas pelos semioticistas. Assim, o autor critica as concepções amplamente difundidas de estesia, compreendida como se as experiências estéticas e a condição estética do sujeito o arrebatassem da continuidade (rotina), ou seja, da cotidianidade. A estesia seria considerada apenas um efeito que surge de um encontro inesperado entre sujeito e objeto, que surgiria do nada de forma fortuita e casual (a espera do inesperado), quase como um efeito transcendente, que provoca uma fratura (uma descontinuidade, um acontecimento) sobre a continuidade

monótona e tediosa do cotidiano. Por isso, Landowski sugere que a divisão e a oposição entre as dimensões inteligível e sensível, amplamente exploradas em *Semiótica das paixões*⁸ e em *Da imperfeição*, devem ser ultrapassadas, pois para ele a dimensão sensível é também carregada de significados e, portanto, podem se tornar inteligíveis no processo de interação.

É justamente pela leitura que ele realiza da segunda parte do *Da imperfeição*⁹ que surgem os novos conceitos que serão aplicados no desenvolvimento de outros regimes de interação, uma vez que, se o regime de junção pressupunha necessariamente uma intermediação, seria preciso encontrar instrumentos capazes de descrever relações que, por sua natureza sintática e sensível, envolvessem uma interação não mediada, mas direta, da ordem do puro contato. Como afirma o autor:

A leitura de *Da imperfeição* convida, pois a multiplicar as vias de acesso à inteligibilidade do sensível. Distinguimos duas grandes linhas de interpretação, uma catastrofista — rotina e acidente —, e outra construtivista. A segunda orienta em direção a uma configuração onde a presença de um sentido se faz sentir sobre um modo “melódico” ou “harmônico” que supõe ele-mesmo o reconhecimento de um papel igualmente ativo dos dois parceiros — sujeito e objeto — implicados no processo de construção do sentido [tradução nossa] (Landowski, 2004, p. 56).

Landowski passa, então, a se ocupar de uma gramática narrativa que descreva tudo aquilo que perpassa diretamente ao outro, ou seja, de relações de reciprocidade entre sujeitos e/ou objetos. A reciprocidade sobre a qual ele se debruça emerge de um “sentir” e de um “estar junto”, que se dá por contágio, ou seja, por uma interação que se opera entre os actantes e que não resulta de um intercâmbio de valores que dependem de um ter e de um fazer. É a resultante de um processo de ajustamento recíproco entre formas co-presentes que ele denomina de regime de união, em oposição ao conceito de junção.

A semiótica proposta por Landowski volta-se para um sentido anterior a uma elaboração conceitual, um sentido precognitivo que se dá sem a mediação de qualquer linguagem socialmente constituída. Desloca, assim, sua preocupação para as experiências vividas entre sujeitos, sujeitos e objetos e relações que se estabelecem a partir do “contágio”. Dessa forma, o surgimento desse conceito serve para retomar determinadas questões da fenomenologia que já estavam

⁶ Algirdas Julien Greimas; Jacques Fontanille, *Semiótica das paixões*: do estado de coisas ao estado de alma, São Paulo, Ática, 1993 (tradução de Maria José Rodrigues Coracini).

⁷ Greimas, *op. cit.*

⁸ Greimas; Fontanille, *op. cit.*

⁹ Greimas, *op. cit.*

presentes desde as primeiras reflexões de Greimas, mas que foram ou deixadas de lado ou trabalhadas de uma forma com a qual Landowski possivelmente não concorda.

Essa noção de “contágio” é entendida como um sentido não articulado na língua, mas que gera determinados efeitos de sentido na interação de um determinado sujeito com o mundo a sua volta. Portanto, ele procura, por meio desse conceito, apresentar uma outra via para o exame das paixões realizadas por uma língua para tentar compreender como uma paixão não lexicalizada (isto é, “sem nome”) pode ser abordada pela semiótica. Por isso, ele trata de questões mundanas (se é que podemos chamá-las assim), de paixões do dia a dia e não daquelas paixões modais que, de certa forma, estão relacionadas, segundo o seu ponto de vista, a objetos fechados e a um esquema narrativo baseado na busca. Para Landowski, a partir do que é sugerido pela segunda parte do *Da imperfeição*, a experiência estésica pode também decorrer de uma iniciativa do sujeito, de um trabalho de construção.

Para Landowski, aquém de todo princípio cognitivo de categorização do mundo, há uma relação de outra ordem que, diretamente, sem a mediação de uma língua socialmente instituída, pode atribuir inteligibilidade ao sensível. Essa dimensão do sensível corresponde, assim, a uma forma de estar-no-mundo do sujeito e o faz descobrir, no corpo a corpo, a coincidência entre sua própria disposição imanente e aquela do mundo-objeto (Landowski, 2004, p. 96).

Por isso, esse texto-mundo pode ser encarado como uma presença por meio da noção de imagem, entendida como capacidade do texto de configurar, internamente, a modalidade mesma do olhar do sujeito e de seu próprio modo de ser (do texto) pela relação com aquilo que o rodeia (Landowski, 2004, p. 96): princípio ativo e imanente do texto (“onde o mundo toma gosto”). Portanto, não seria apenas a possibilidade de interação entre um sujeito-leitor e um texto-legível, mas também sentido por meio de configurações imanentes a esse próprio texto.

No final de *Les interactions risquées*, Landowski propõe, assim, uma competência mais estésica do que modal para o tratamento da dimensão passional. Além disso, para ele, a dimensão passional não é algo em si dentro da teoria e, por isso, ele afirma que a paixão aparece tanto na ação quanto na interação, não podendo se opor, portanto, paixão à ação ou à razão. Dessa maneira, para Landowski, a paixão é uma dimensão que está presente em todos os regimes de interação propostos por ele (Landowski, 2006, p. 95-96).

Conclusão

O conceito de união pode ser compreendido como um conceito de amplas repercussões no quadro teórico da

semiótica geral e, principalmente, na semiótica das interações de Eric Landowski.

Suas reflexões partem de críticas a trabalhos já consagrados na semiótica, como o *Semiótica das paixões* e o *Da imperfeição*. Não se trata, contudo, de simplesmente descartar o que já foi feito até o momento para ele propor sua própria semiótica, mas sim o de rever certos percursos e caminhos tomados pela teoria e propor seu próprio caminho, sem incorrer em uma nova teoria, mas ao mesmo tempo não se sujeitando passivamente a ela.

Landowski privilegia experiências nas quais os actantes possuem um certo fazer, uma certa autonomia. Em que no processo de interação dinâmica, sem manipulação e sem programação ocorre uma experiência ativa, uma troca sensível, como, por exemplo, na dança. Segundo ele, na dança há uma interação corporal propriamente dita, portanto somática, na qual são geradas pequenas paixões, paixões do dia a dia.

Há, em Landowski, a preocupação em elaborar conceitos que contemplem experiências sociais, que descrevam o encontro aqui e agora entre sujeitos, que descrevam o sentido que se configura a partir da própria efemeridade e irrepitibilidade do momento, do sentido que se dá em ato.

Se a dimensão sensível faz parte das preocupações de outras vertentes da semiótica, o que diferencia a proposta de Landowski das demais é que ele pensa o sensível na interação entre sujeitos, o que, até onde sabemos, não está no escopo de interesses de outras propostas da semiótica. Cremos ser desnecessário dizer que as propostas de Landowski não são melhores nem piores de que outras. Elas simplesmente servem para analisar determinados objetos, assim como apresenta determinadas limitações para se compreender outros.

De todo modo, o enfoque de Landowski abre uma perspectiva teórica interessante, em nossa opinião, que é o estudo das estésias coletivas e, em particular, das que se dão pelo contágio, uma forma de fazer ser que está baseada no contato “corpo a corpo” entre actantes, ou ainda, no interagir mútuo deles, cada um na presença imediata do outro. Em vez de esperar o “acontecimento” se aproximar, Landowski considera o sentido como uma realidade permanentemente presente ao lado do sujeito social. ●

Referências

- Landowski, Eric
1992. *A sociedade refletida*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Educ/Pontes.
- Landowski, Eric
2002. *Presenças do outro*. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva.

Landowski, Eric

2004. *Passions sans nom*. Essais de socio-sémiotique III. Paris: PUF.

Landowski, Eric

2005. Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa. *Documentos de estudo do Centro de Pesquisas Sociossemióticas*. São Paulo: Edições CPS.

Landowski, Eric

2006. *Les interactions risquées*. Limoges: Pulim.

Oliveira, Ana Claudia de

2005. Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa [prefácio]. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz Júnior. *Documentos de estudo do Centro de Pesquisas Sociossemióticas v. 3*. São Paulo: Edições CPS, p. 1-8.

Dados para indexação em língua estrangeira

Bueno, Alexandre Marcelo; Fernandes, Glauco Ortega; Silva, Maria Rita Arêdes da

Quelques réflexions sur le concept
d'union dans la théorie sémiotique française
Estudos Semióticos, vol. 6, n. 2 (2010), p. 22-29

ISSN 1980-4016

Résumé: *Même si elle ne devait être formulée de façon explicite qu'un peu plus tard, la notion d'interaction était présente dès les premières étapes du développement théorique de la sémiotique. Dans ses travaux récents, Eric Landowski s'est efforcé de travailler ce concept. Il a avancé l'idée d'union comme une autre manière de comprendre l'interaction, développée au niveau narratif à partir de la notion de jonction. Comme tout nouveau concept, l'union entraîne des conséquences pour l'épistémologie de la théorie sémiotique créée par Algirdas Julien Greimas. Nous proposons, dans le présent travail, une brève réflexion sur ce concept, proposé par Landowski comme un moyen d'incorporer dans l'interaction l'instance du sensible (et pas seulement celle de l'intelligible). Pour ce faire, nous présentons quelques modifications apportées par l'auteur à la conception sémiotique de la manipulation et des passions, envisagées le plus souvent en termes de rapports jonctifs. Nous reprenons brièvement le parcours théorique d'Eric Landowski pour montrer comment s'est construite la notion d'interaction en sémiotique et pour commenter les développements ultérieurs intégrant l'esthétique et le sensible à l'interaction.*

Mots-clés: *interaction, union, manipulation, dimension passionnelle*

Como citar este artigo

Bueno, Alexandre Marcelo; Fernandez, Glauco Ortega; Silva, Maria Rita Arêdes da. Reflexões sobre o conceito de "união" na teoria semiótica francesa. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, Número 2, São Paulo, novembro de 2010, p. 22-29. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 15/12/2009

Data de sua aprovação: 10/04/2010
